

Florianópolis (SC)  
setembro/outubro de 2008  
Ano 3  
nº 15  
R\$ 4,00

# Pobres & Nojentas

Foto: Ricardo Casarini



Movimento sindical e popular de Florianópolis luta para evitar a privatização de mais um direito ameaçado pela busca de lucro

## VENDE-SE A SAÚDE

Tratar com o mercado



## CaPa

**07** Para o mercado, a saúde do povo tem preço

- 04** Colibri nas ruas, profeta na alma
- 14** Eko Porã, a esperança da vida boa
- 16** EUA: dois séculos de tramóias contra a liberdade dos povos
- 24** Fernando Lugo, Soledad está te olhando

## Seções

- 03** Editorial  
Me vende um quilo de saúde?
- 13** Crônica  
Primavera selvagem
- 22** + um número
- 23** Artigo  
O vinho é bom para o coração?
- 26** Tempo Livre
- 27** Poesia

## Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para [eteia@gmx.net](mailto:eteia@gmx.net) informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano (bimestral): R\$ 23,00 (inclui as despesas com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Amberson Vieira de Assis
- Celso Vicenzi
- Elaine Tavares
- Fernando Karl
- Miriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini
- Rosangela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares  
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:  
[eteia@gmx.net](mailto:eteia@gmx.net)

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Sandra Werle  
(MTB/SC 00515-SC)  
Rosangela Bion de Assis  
(MTB/SC 00390-SC)

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)

[www.sindprevs-sc.org.br](http://www.sindprevs-sc.org.br)



Florianópolis/Santa Catarina

# Me vende um quilo de saúde?

Bastou a "loira", como chamamos a jornalista Marcela Cornelli, comentar num café no centro de Floripa:

- Gurias, a situação da saúde...

E nos contou o que está acontecendo com o Cepon e Hemosc catarinenses, detalhes que ela soube em uma atividade a serviço do sindicato onde trabalha. Imediatamente pedimos a ela:

- Má, faz matéria pra *Pobres*.

E ela fez. Foi com ardor que entrevistou quem está à frente da luta contra a privatização de mais esse serviço público. E foi sangrando que escreveu. Porque o jornalista Marcos Faerman di-

zia: - Sangue. Ou se escreve com ele, ou não se escreve.

Frase que vem bem a calhar. O sangue, fluido vital, tem preço. A cura do câncer tem preço. O mercado botou o olho gordo, viu que das unidades de saúde pode jorrar muito, muito lucro, e o governo entregou o que era do povo.

A mídia em geral não fala sobre o assunto. Quando ele aparece nos jornais e na tevê, o enfoque se sustenta nas palavras que agradam o mundo empresarial: mais eficiência, nova gestão, apoio dos "colaboradores" (os trabalhadores), pró-atividade... Não se diz o óbvio: quem depende do SUS, o Sistema Único de Saúde, terá cada vez

mais dificuldade de consultar um médico, fazer exames e ter acesso aos procedimentos clínicos e hospitalares. É a maioria da população. Os que têm plano de saúde é que irão ter, por enquanto, "do bom e do melhor". E por enquanto porque, com o tempo, esse sistema privatizado fica ruim para todos, com exceção dos que tiverem dinheiro vivo para pagar.

A crise na economia está mostrando: os governos salvam os bancos, os banqueiros e os grandes financistas. Mas o dinheiro usado é do povo.

A *Pobres* irá contar a história da privatização da saúde. E quem a ouve e lê precisa espalhá-la aos quatro ventos.

## ReCaDo No BLoG

Acabei de conhecer a revista *P&N* e agora serei um leitor assíduo, pois, como teólogo, tento fazer, assim como vocês, uma releitura crítica da realidade que nos circunda. Amigos... me comprometo a divulgar o *P&N* para os meus contatos.

Abraço

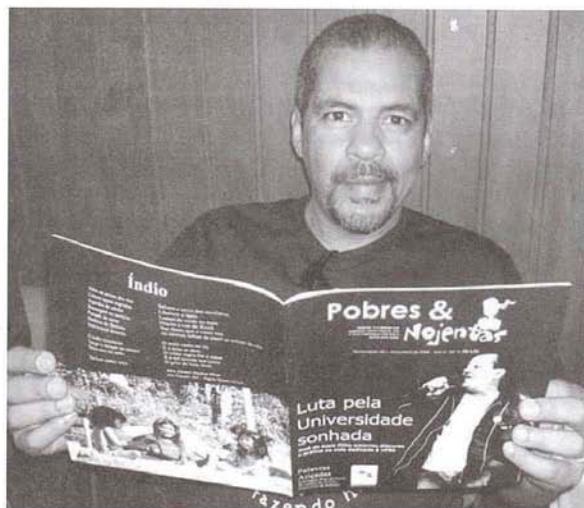
Robinson J. de Souza - <http://roberas.blogspot.com>

Blog da revista

<http://pobresenojentas.blogspot.com>

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>



Luciano Marcondes, organizador de eventos, lê *Pobres & Nojentas*

Foto: Marcela Cornelli

# Colibri

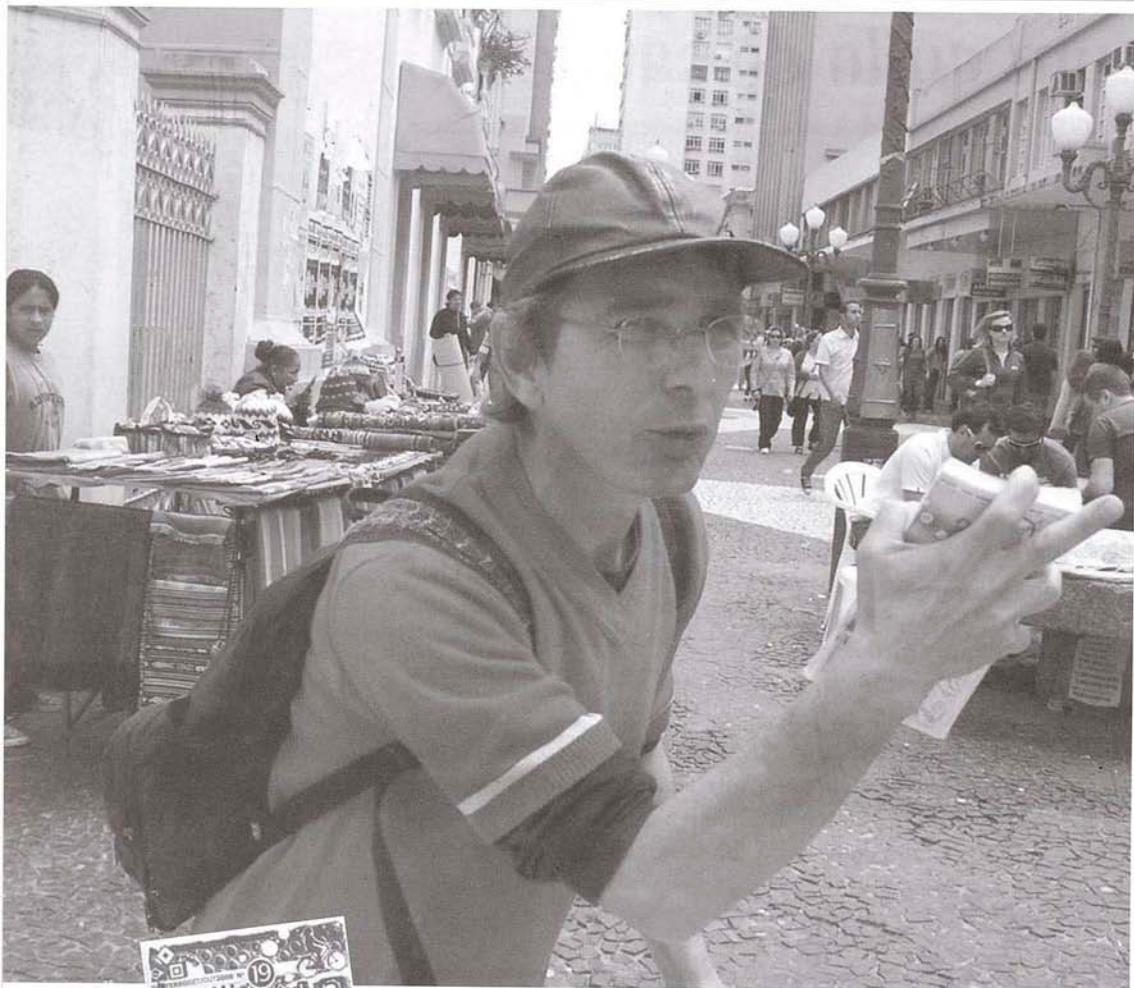
I Os dedos indicador e anular são como dois ganchos agarrados ao maço de papel.

O corpo tem agilidade de beija-flor.

As rugas formam um leque apertado em torno dos olhos. Olhos ávidos que buscam em outro ser humano a disponibilidade de ouvir.

Luciano Maciel Machado, pseudônimo Luca Leicam, esvoaça ligeiro na rua Felipe Schmidt, no centro de Florianópolis. Blusão vermelho, boné preto, jeans e mochila nas costas, ele desaparece numa esquina e reaparece em outra. Está ali com um objetivo: vender o Tralala.

Luca Leicam é o criador. O Tralala é a criatura. Tralala é um fanzine, tipo de publicação também chamada de zine, resultado da abreviação de *fanatic magazine*. Significa revista editada por um fan (fã, em português). Os fanzines podem tratar dos mais diversos assuntos, geralmente têm baixa tiragem e não dão o lucro de jornais e revistas vendidos em bancas. Zines costumam ter ilustrações, colagens, imagens provocativas. Quem faz expressa um desejo: compatilhar algo com os leitores. E o que Luca compatilha é a angústia diante da voracidade com que consumimos e das consequências dessa fome sem fim no planeta. O Tralala número 19 (T19), de setembro/outubro de 2008, avisa: "Meus pêsamos, estamos em extinção".



***"Eu tô na rua, todo mundo olhando vitrine, e eu quero que olhem para mim."***



## Veja na internet

**Luca Leicam aplicando um DVT**

<http://zinetralala.blogspot.com/2008/07/discurso-viabilizador-do-tralala-dvt.html>

**Leia mais sobre fanzines**

<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=41&rv=Literatura>

**Para ver o cão Catatau, digite, no You Tube, Catatau UFSC**

# nas ruas, profeta na alma

Por Míriam Santini de Abreu,  
de Florianópolis

II

Luca irá completar 45 anos em dezembro, e diz que se sente um guri. Guri nascido em Porto Alegre e crescido em São Sepé, a 265 quilômetros da capital gaúcha. Já aos 16 anos começou a trabalhar na Rádio Fundação Cotrisel, a primeira emissora cooperativista da América Latina. Em 1984 o pai, José Evangelho Machado, mudou-se para o Rio de Janeiro para ser um dos assessores de Leonel Brizola, então no primeiro mandato no Palácio Guanabara. Luca foi porta adentro da Rádio Roquette-Pinto, onde cuidava de um acervo de 30 mil discos, entre vinil e acetato. Foi operador de áudio, discotecário e produtor musical. De volta ao Rio Grande, desta vez para Santa Maria, trabalhou no Rádio Universidade AM e na Medianeira FM.

O gosto musical do zineiro é uma fina mistura, que ele levou para as emissoras por onde passou: samba de raiz, jazz, blues, rock'n'roll, instrumental, chorinho, música latina, MPB. Só largou as rádios por causa dos baixos salários: "O radialista é um operário".

III

Luca ouviu a palavra tralala em um filme do cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini, e assim se deu o batismo do fanzine. O Tralala é feito em folha tamanho ofício e tem seis páginas. O original, repleto de colagens, busca o que o autor chama de discurso ressignificador de signos. A possibilidade de

interpretação das imagens é ilimitada. No T19 o planeta virá uma bomba e uma menina índia está amarrada na frente de um automóvel, que parece querer devorá-la. Um homem sobre um crânio, de fuzil nas mãos, e outro, com cabeça de parafuso da qual saem soldadinhos de corda, ilustra a capa do T18.

O zineiro diz que o gosto por essas minuciosas reconstruções no papel deve ser influência do Tio Cunha, pai de um amigo com quem ele brincava em São Sepé. Tio Cunha contava a história do futebol no município por meio de colagens. Além das ilustrações, Luca também reproduz textos nos zines, sempre indicando as fontes. O desafio, conta ele, é às vezes excluir até 80% do texto original sem tirar-lhe o vigor. Trabalho parecido com o do jornalista quando ouve alguém durante horas e precisa fazer um texto curto. "Trabalho com as idéias que vão impactar mais", ensina. A tiragem de cada Tralala, feito em fotocopiadora a partir do original, é informada por Luca na página 2 de cada zine. Os originais ele guarda para uma planejada exposição. Metódico, sabe quantos zines vendeu de 5 de abril de 2006 a 27 de outubro de 2007: 7.609, trabalhando 204 dias.

IV

A vida em Santa Maria foi intensa. Luca ingressou na faculdade de Filosofia da Universidade Federal e começou a atuar no movimento estu-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dantil. Na Rádio Universidade AM o DCE produzia o programa "Papos e Fatos", no qual se discutia comportamento, cinema, sociedade, poesia e sexualidade. "Também fazíamos uma auto-crítica do DCE e do movimento estudantil através de enquetes com os estudantes, em que surgiam farpas para todos os lados", recorda.

Naquela época Luca contribuía com o fanzine A Vaka e, com uns sete amigos anarquistas, criou um grupo, o "Coletivo Urbano", responsável por intensa e engajada vida cultural na cidade. Outros zines da época foram o Espalhafato e o Uhuru, o primeiro criação própria e o segundo de conhecidos.

O Tralala apareceu em 1996, mesmo ano em que nasceu o segundo filho de Luca, Rodrigo. Em 1999 ele mudou-se para Florianópolis com o menino, a filha, Geraldine, e a mulher, Ana Lúcia, artista plástica com quem vive há 16 anos. Luca já fez teatro, deu aulas e agora também é oficinairo, ensinando crianças a fazer fantoches com lixo seco. Um dos planos é voltar a frequentar o curso de Artes Cênicas da Udesc. Desde setembro de 2007 tem um blog, idealizado e mantido pelo amigo Marcelo Kohl.

V

Diz o teólogo Leonardo Boff: "O profeta é o homem da palavra que denuncia, que anuncia, que consola e que constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém, nem a

sociedade, pode viver".

Então Luca Leicam é um profeta. A sarça que arde é o seu discurso, e o alvo são os "urbanos mastigadores de relógios", como ele chama, os que passam apressados, seja no centro de Florianópolis ou no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde o zineiro também oferece o Tralala. A civilização hoje, diz Luca, come lixo, ouve lixo, vive em cápsulas como os shoppings; as pessoas se relacionam mais com a tecnologia do que com outras pessoas. "O consumismo é a droga que vai destruir o planeta, e a gente não vai parar", constata ele. Por isso o Tralala joga uma pulga atrás das orelhas.

Uma invenção genial de Luca é o DVT, o Discurso Viabilizador do Tralala. É uma torrente de palavras, intensa, improvisada e gestual, que ele lança antes de oferecer o fanzine e pedir a contribuição financeira, de um ou dois reais. As reações são as mais variadas possíveis. O que Luca deseja é causar impacto nos adoradores de objetos – todos nós – tirar-nos da passividade, fazer cair do rosto das pessoas o ar de superioridade, de indiferença. Ele conta:

- Tem gente que não processa o que estou dizendo. Outros aceleram o passo, nervosos. Às vezes eu não diminuo a velocidade do meu discurso, e tem uns que param e reclamam da minha narração de futebol de rádio. Tem gente que se espanta, faz cara de brava e me acusa de ter invadido a sua privacidade.

## Pesquisa de Campo pós-DVT

(Mulher de 20 após um DVT)

- Quem está em extinção é você.

(Casal cheio de sacolas no calçadão, onde um fala com o outro, com cara de nojo)

- Ninguém merece ouvir esse louco!

(Após o DVT homem de 50 fica assustado)

Homem - E agora, o que eu faço? Eu tenho carro.

Tralala - Se tiver que usar, use-o com a sua consciência.

(Jovem na UFSC reconhecendo o Tralala)

- Nas ruas a tua abordagem é a melhor que conheço.

(Uma mulher e dois homens italianos com uma intérprete brasileira caminham no calçadão da ilha)

Tralala - O nome do meu zine, "Tralala", foi inspirado em um filme de Pasolini (sinto que os italianos gostam), aquele filme que tem um casal ao redor de um grande chafariz e que termina as frases do diálogo falando as palavras tralala e tralalera.

Intérprete - (interessada, pega o T17 e colabora com R\$5)

Italianos - (sorridentes, se despedem)

(Mulher na UFSC)

- O Tralala é o melhor fanzine que conheço.

(Jovem na UFSC, indignado, reage quando falo que estamos em extinção)

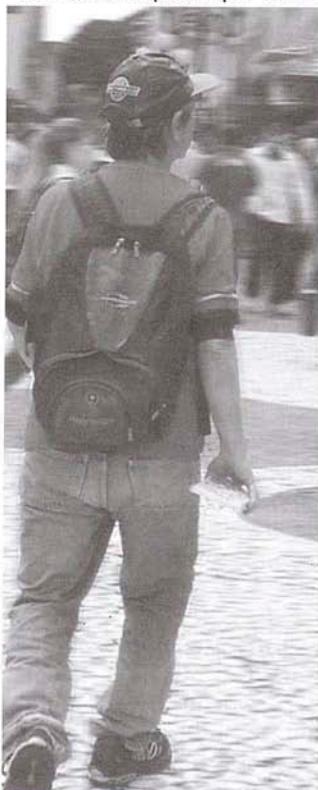
Jovem - O que é isso. Tu tá maluco, ô cara.

Tralala - Devo estar mesmo. Tentando acordar quem dá descarga com água tratada e acha isso normal.



Procuo dizer tudo até o final, principalmente para caras amarradas, pessoas que torcem o nariz ou fazem cara de dor de barriga ou pena.

As reações mais virulentas acontecem no centro da Capital. Quando há ofensas, Luca diz que reage como se pisassem no seu pé. "Eu tô na rua, todo mundo olhando vitrine, e eu quero que olhem



para mim." Muitas vezes, quem recebe um DVT fica nervoso. "E nervoso por quê? Porque não há resposta para isso que falo", afirma o zineiro. Nos mais recentes Tralalas ele começou a reproduzir algumas respostas que ouve, iniciativa que batizou de Pesquisa de Campo.

Uma coisa é certa. O trabalho de Luca exige peito. A rua onde ele oferece o Tralala é no coração de Floripa, e o povo anda ali com pressa. Como parar alguém? Fazer-se ouvir? Vender o fanzine?

Luca diz que, quando aplica o DVT, é como que tomado por uma entidade. Não é mais ele. E eu, observando-o na rua, acho que a entidade é O Profeta. O zineiro revela que escolhe o alvo que irá abordar pelo jeito de olhar, de vestir, de caminhar. É preciso tato. "Eu observo se a pessoa parecer estar precisando de um Tralala." Ele diz que, para ter a contribuição, ajudam a sorte e também o modo de falar, de levar a pessoa a prestar atenção. Luca não dá o Tralala. Se o alvo do DVT não tem dinheiro, o zineiro oferece uma tira de papel com o endereço de seu blog. Na UFSC, onde é bem conhecido, Luca percebe o conservadorismo: "O meio universitário é para reprodução

do sistema. Os estudantes não vão fazer mudanças, eles vão repetir tudo isso, porque têm os olhos do sistema".

O que Luca sabe é que as pessoas devem fazer aquilo no que acreditam e que lhes dá prazer. E isso, para ele, é o Tralala, que considera uma experiência viva: "Para mim o prazer é não enganar os outros".

## VI

O Profeta se insinua nos gestos cotidianos de Luca. Durante a entrevista, ele gesticula com os dedos indicador e anular em riste, como se fosse lançar o Tralala ao ataque.

## VII

Uma semana antes de falar com o zineiro, vejo uma cena incomum. Na frente da Catedral de Florianópolis, ao anoitecer, um cão preto, pequeno, dá uns passos, pára e, queixinho para cima, uiva, um uivo fino, triste. Auuuuuuuuuuuu... Repete o gesto umas três vezes. Em volta as pessoas observam, surpresas.

- Mas que uivo... Que estranho.

Lembro-me então de Caturday, o cão que vive na UFSC e participa de todas as manifestações de estudantes e trabalhadores. Nós o chamamos de cão revolucionário.

Luca conta que um dia, depois de aplicar um DVT sobre as consequências do culto aos objetos e do consumo sem fim, que sufocam o planeta, um homem respondeu a ele:

- Isso aí eu já sei. Todos nós vamos cair na barranca do mundo.

Será que os cães também sabem? Uns uivam, outros já participam de manifestações.

# Para o mercado, a saúde do povo tem preço



Por **Marcela Cornelli,**  
de Florianópolis

Sempre aos domingos. O ônibus partia da cidade de Fraiburgo, no Meio-Oeste catarinense, a 375 quilômetros de Florianópolis, saindo às 13 horas e chegando ao destino seis horas depois. Uma viagem longa para os que vêm à Capital buscar tratamento, cura e mais recursos da medicina, oferecidos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde, o SUS. Para quem não se sente muito bem, está fraca, debilitada, a viagem rumo ao litoral não é agradável. Por três anos, esta foi a rotina de Ires Rosa da Silva Cornelli, 46 anos, dona de casa.

Em 2005 Ires descobriu que suas plaquetas estavam abaixo do nível normal. Há anos consultava médicos particulares e buscava hospitais públicos de Curitiba. Com sérios problemas de coração, ela fez a primeira cirurgia aos 15 anos e a segunda aos 33. Ires sempre teve acompanhamento de cardiologistas. Porém, foi no Hemosc (Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado de Santa Catarina), em Florianópolis, que a hepatite C, que já a debilitava há vários anos e estava em estágio avançado, foi diagnosticada e tratada.

Após o longo tratamento no Hemosc, e agora curada, Ires sente-se privilegiada por ter conseguido pelo SUS um atendimento digno, de qualidade e totalmente gratuito. "Sem o Hemosc hoje eu não estaria aqui, com

a minha família. Pois eu nem sabia que tinha hepatite. Contraí a doença numa transfusão, provavelmente, segundo minha médica no Hemosc, durante a primeira cirurgia, ainda na juventude. Outros médicos não tinham diagnosticado que eu estava com hepatite C. Além disso, eu não teria condições financeiras de fazer o tratamento, que é muito caro."

Ires precisou tomar duas injeções semanais de Interferon durante nove meses, além de outros medicamentos, e fez vários exames. O tratamento, que ficaria em torno de uns R\$ 140 mil, foi todo coberto pelo SUS. Para se ter uma idéia, cada injeção de Interferon custa em torno de R\$ 1.200,00. "O tratamento pelo SUS, pelo Hemosc, foi a minha salvação. O atendimento no Hemosc foi sempre muito humanizado, tanto as recepcionistas quanto as médicas sempre me trataram muito bem. Percebia-se que a médica com quem tratei a hepatite não estava ali somente pelo dinheiro, ela conversava muito, me orientava, sabia que eu vinha de longe, estava debilitada pelo tratamento, que causava muitas dores no corpo, fraqueza, náuseas, cansaço, entre outros sintomas. Será muito penoso para a população se o Hemosc for privatizado", diz Inês.

Ires conta que sempre levava os abaixo-assinados



Nem a chuva dispersou a passeata contra as privatizações em Florianópolis e, ao lado, servidores do Hemosc e do Cepon na luta em defesa dos seus direitos.



pela não-privatização da instituição para a sua cidade, para que mais pessoas participassem da luta em defesa do Hemosc público. É claro que há muito a ser melhorado na saúde pública, mas, se não fosse o SUS, tal como Ires, milhares de pessoas não teriam a menor chance de cura, porque não teriam condições de fazer um tratamento de alto custo.

No entanto, se depender das políticas implementadas no setor público pelos governos estadual e federal, o Hemosc, assim como os demais hospitais e órgãos públicos da saúde, ficará nas mãos do capital privado, excluindo a população que realmente precisa do atendimento público.

## Lobo em pele de cordeiro

Com o discurso de que o serviço público é ineficiente, que não há dinheiro suficiente para manter a saúde pública, que é preciso modernizar a gestão dos serviços públicos e que, para isso, é necessário investimento do capital privado, o governo estadual, seguindo a política do governo federal, está vendendo para a sociedade a idéia de que as Organizações Sociais (OSs) são a solução para melhorar o gerenciamento dos serviços públicos. Isso significa, na prática, uma forma disfarçada de privatização. É lobo em pele de cordeiro.

Desde a aprovação das Organizações Sociais (OSs), Lei 9.637 de maio de 1998, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, a privatização dos serviços públicos foi facilitada. Em Santa Catarina, o Hemosc e

também o Cepon (Centro de Pesquisas Oncológicas) já passaram para as mãos de uma Organização Social.

## Money, money, money

Líder sindical aos 24 anos, Simone Hagemann, dirigente do SindSaúde de Florianópolis (Sindicato dos Servidores da Saúde), se formou em Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina, onde militava no Centro Acadêmico de Enfermagem e no Diretório Central dos Estudantes (DCE). "A paixão pela militância política sempre esteve nas minhas veias, sempre defendi os serviços públicos porque sei da importância deles para a população, tanto na área da educação, quanto da saúde e da segurança. Não consigo imaginar a população carente sem estes serviços públicos. As Organizações Sociais vão contra os princípios do SUS. O SUS foi criado para pensar no bem-estar das pessoas. As Organizações Sociais visam o lucro, o custo/benefício", alerta Simone.

A primeira lei estadual que abriu caminho para a privatização do Hemosc e do Cepon foi a Lei 12.924/2004 – que instituiu o Programa Estadual de Incentivo às Organizações Sociais. Baseado nesta lei, o Hemosc e o Cepon seriam extintos e os servidores cedidos à uma Organização Social. Em 2006 um abaixo-assinado com 70 mil assinaturas foi entregue ao governo do Estado pedindo a manutenção do Hemosc e do Cepon como entidades públicas. Após intensa mobilização dos servidores, usuários e da sociedade, o governo publicou, em 2006, a Lei 13.839, garantindo que o Hemosc e o Cepon

## Mexer no SUS é pisotear direitos

O SUS completa 20 anos em 2008. Antes da criação do SUS o sistema público de saúde no Brasil era muito mais precário, sobravam hospitais e faltavam postos de saúde. A gestão dos hospitais e postos era feita por fundações privadas. Havia muito mais desvio de verbas, superfaturamentos, as filas eram maiores e os recursos mal-aplicados. Na década de 70 houve uma grande discussão mundial sobre saúde.

Em 78, a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada em Alma-Ata, no Cazaquistão, traçou as diretrizes que depois, no Brasil, seriam os princípios do SUS. No país, o movimento pela implantação do SUS começou com os estudantes de medicina com atividades junto às comunidades carentes. O movimento pela Reforma Sanitária no país, que também ajudou na construção do

SUS, foi ganhando força e apoio dos estudantes e de setores organizados da sociedade.

A Constituição de 1988 foi um marco na história da saúde pública brasileira, ao definir a saúde como "direito de todos e dever do Estado". Por fim, a Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, fundou o SUS. O Sistema Único foi criado dentro de três princípios: equidade (todos devem ter igualdade de oportunidade

no sistema de saúde), integralidade (a atenção à saúde inclui tanto os meios curativos quanto os preventivos; tanto os individuais quanto os coletivos) e universalidade (a saúde é um direito de todos). Por isso, agora entregar novamente a saúde nas mãos das Organizações Sociais (que permitem a participação do capital privado nos setores públicos) é um retrocesso na história da saúde pública no país.

não seriam extintos. O governo, porém, não recuou na questão do gerenciamento, insistindo que as duas instituições passassem para as mãos de uma OS.

## Privatização disfarçada

Segundo relatório elaborado pelo Movimento pela Manutenção do Serviço Público e de Qualidade do Hemosc e do Cepon, desde 1994 a Fahece (Fundação de Apoio ao Hemosc e ao Cepon) gerenciava os recursos financeiros destinados aos dois órgãos. A Lei nº 13.729, de 2006, possibilitou a transformação da Fahece em uma Organização Social e desde então a OS tem plenos poderes para não só gerenciar os recursos, mas também para contratar serviços sem licitação pública, contratar funcionários sem concurso público e decidir sobre a abertura de vagas no Hemosc e no Cepon para atendimento a convênios privados de saúde.

A Fahece, que era gerida pelos Conselhos Diretivo e Curador, integrados por representantes da comunidade e funcionários públicos dos dois órgãos, com experiência e conhecimento nas duas áreas, agora tem status de empresa privada, com criação de cargos de gerência e pagamento de salários. O que era trabalho voluntário, agora é pago.

Pelo novo estatuto da Fundação, a Fahece poderá contar com investimentos do capital privado. A pergunta é: o capital privado vai investir em saúde pública para a população carente sem querer algo em troca? As OSs vêm para gerar lucro. Para quem? Para o Estado? Para o grupo de pessoas que estiver no comando da Organização Social? A Fahece, de acordo com o Movimento pela Manutenção do Serviço Público e de Qualidade do Hemosc e do Cepon, está hoje nas mãos de pessoas ligadas a partidos políticos que compõem o atual governo estadual e que se perpetuam há anos no poder. Segundo o SindsSaúde, o balancete da Fahece

de 2007 apresenta um acúmulo no mercado financeiro de 4 milhões de reais. É a saúde na visão do mercado: gerando lucro.

No Hemosc servidores e chefias ainda têm conseguido barrar as privatizações dos serviços, mas também não sabem até quando irão conseguir segurar a situação, porque o processo de privatização está sendo realizado aos poucos e disfarçadamente. Logo, porém, o atendimento à população poderá ser prejudicado.

Já no Cepon o atendimento 100% SUS não existe mais. Na radioterapia, segundo o SindSaúde, os pacientes do SUS, mesmo internados no Cepon, não têm mais acesso ao serviço. O setor está atendendo a convênios privados. Os pacientes do SUS estão fazendo a radioterapia no Hospital de Caridade. O Hospital do Cepon, que funciona no Centro de Florianópolis, em abril ficou sem médicos. A residência médica foi transferida para o Hospital Celso Ramos. Depois de duas semanas de luta e mobilização dos servidores, sindicatos e população, a residência médica retornou ao Cepon, mas com três semanas de demanda reprimida.

Se não fosse a resistência dos servidores e dos sindicatos que representam os trabalhadores, o SindSaúde e o Sintespe, os leitos do Hospital do Cepon também já estariam privatizados. Os leitos estavam desocupados e o Hospital recebeu visita de representantes da Unimed interessados nos leitos. Somente após as denúncias dos sindicatos dos trabalhadores, os leitos foram 100% preenchidos por pacientes do SUS. Mas até quando?

Antes de a Fahece virar uma OS, os pacientes podiam realizar os exames na mesma hora dentro do Hospital do Cepon e já eram encaminhados para a quimioterapia, quando diagnosticado o câncer. Agora, depois de receberem a notícia sobre a doença e a necessidade de fazer quimioterapia, os pacientes precisam retornar aos postos de saúde para marcar os exames necessários antes de iniciar o tratamento. Resultados



Mulheres à frente da luta contra as privatizações: Rita, Simone, Edileuza e Regina (à direita na foto)

de exames que saíam na hora agora chegam a demorar cerca de 60 dias para ficarem prontos. A autorização para a primeira sessão de quimioterapia também não é mais imediata. O pedido precisa retornar à Secretaria Estadual de Saúde. Os prazos mais longos fazem uma grande diferença para os portadores de câncer. “O paciente já está debilitado e ainda precisa correr atrás de exames e acaba caindo na vala comum do SUS. Isto é brutal, cruel com os doentes”, diz Edileuza Garcia Fortuna, 34 anos, presidente do SindSaúde. Enfermeira formada pela UFSC e servidora do Hospital do Cepon, Edileuza sabe de perto os problemas enfrentados pelos pacientes desde que a instituição passou a ser gerenciada por uma OS. “Tomografias estão levando até três meses para ficarem prontas. Uma mulher que estava com câncer de pulmão faleceu dois dias antes de iniciar a quimioterapia”, conta Edileuza.

## Trabalhadores da saúde não querem ser cedidos ao capital privado

Regina Rombaldi, 52 anos, passou num concurso público em 1978. Desde então dedica a sua vida a ser uma servidora da saúde. Ela fala com o olhar preocupado sobre a situação do Hemosc, onde trabalha, e que só se mantém público pela resistência dos servidores. “A vida toda sempre fui funcionária e defensora do serviço público. Não consigo ver a iniciativa privada dentro do que é público. Os interesses são bem diferentes. O SUS tem um papel social que as Organizações Sociais não têm”, defende Regina, que atualmente é presidente da Associação dos Funcionários do Hemosc/Cepon. “Nós, como servidores, seremos cedidos à Fahece - agora uma Organização Social. Estamos lutando para não perder nossos direitos. Escolhi o serviço público por acreditar nele. Agora estou sendo cedida para uma OS, que permite o investimento do capital privado na saúde pública. Nós, os servidores do Hemosc e do Cepon, e a população usuária do SUS, ficaremos à mercê do capital privado. Os interesses privados ficarão acima dos interesses públicos. Quem pode garantir que o sangue não será uma mercadoria? Que os trabalhadores do Hemosc e do Cepon não perderão seus direitos conquistados com anos de muita luta?”, questiona Regina.

Rita de Cássia Franz Vieira, 46 anos, é farmacêutica e servidora do Hospital do Cepon. Rita trabalha no serviço público há 14 anos. Ela lembra que veio da

iniciativa privada e tinha restrições à qualidade dos serviços públicos da saúde. “Eu não era uma militante defensora da saúde pública como a Regina, mas, com o tempo, trabalhando no Hospital do Cepon, fui cada vez mais entendendo a importância do SUS”. Rita, que fez especialização em saúde pública para se inserir melhor no contexto da importância do trabalho de assistência à saúde pública, participou da criação da farmácia do Hospital do Cepon e tem orgulho do seu trabalho.

Ela, como Regina, fala com tristeza e preocupação sobre o seu futuro no Hospital. “Estamos sendo obrigados a assinar o termo de cedência, mas não temos nenhuma garantia de que nossos direitos serão preservados. Escolhi o serviço público para trabalhar, não quero voltar a trabalhar para uma empresa privada. Construí uma história que me orgulha muito dentro do Hospital do Cepon, aqui é a minha segunda família, passo mais tempo aqui do que em minha casa e não quero ver o Hospital ser entregue ao capital privado”, completa Rita.

## Privatizar para se livrar do “problema”

No dia 16 de outubro, a secretária de Estado da Saúde (SES), Carmen Zanotto, o secretário de Estado da Administração, Antônio Marcos Gavazzoni, e o secretário de Estado da Coordenação e Articulação, Ivo Carminati, participam de uma webconferência para prestar esclarecimentos sobre o contrato de gestão do Hemosc e do Cepon e a situação dos servidores. As perguntas podiam ser realizadas pela Internet.

Quando questionado sobre o futuro do Hemosc e do Cepon e sobre a situação dos servidores, os representantes da SES afirmaram que os serviços serão mantidos públicos e que os servidores terão seus direitos, como a licença-prêmio, entre outros, preservados. “Os serviços continuarão públicos e garantidos à maioria da população”, disse Carmen. A secretária afirmou ainda que os interesses dos servidores do SUS são a grande preocupação do governo. Quando questionada sobre o fato de o sangue se tornar uma mercadoria nas mãos do capital privado, Carmem respondeu: “Isto é impossível de acontecer”.

Os sindicatos tentam dialogar com o governo estadual e reivindicam a revogação da lei que criou as OSs em Santa Catarina. No entanto, o governo se mantém intransigente e afirma que as Organizações Sociais são a única saída para garantir o atendimento público à

população. Então por que a radioterapia do Cepon já está privatizada?

O convênio entre a SES e a Fahece/OS se fez por meio de um contrato de gestão, com o qual o Movimento pela Manutenção do Serviço Público e de Qualidade do Hemosc e do Cepon não concordou. No entanto, os servidores tiveram acesso a uma minuta desse contrato por acaso, quando o mesmo já estava sendo discutido entre a SES e a Fahece há muito tempo.

Na minuta que chegava às unidades de saúde, para espanto dos servidores, todos os pontos que eles tinham conseguido avançar na Lei 13.839/2006 não foram respeitados, ficando estabelecido o seguinte: os servidores serão cedidos para a OS, bem como os bens e serviços públicos; o planejamento, plano orçamentário e execução do projeto de trabalho nas unidades públicas serão repassados para a Fahece/OS; as unidades públicas poderão atender a iniciativa privada, através de planos de saúde particulares, em detrimento dos pacientes do SUS, pois isso divide a oferta de vagas para a administração da SES e a OS; a OS poderá fazer aplicações no mercado financeiro; a contratação de pessoal poderá ser feita sem concurso público. Esses e outros pontos levam à privatização do Hemosc e do Cepon.

O Movimento denuncia ainda que há falta de campanhas de prevenção ao câncer e de doação de sangue desde que a OS assumiu as instituições. Em setembro deste ano, já sob as mãos da OS, faltou sangue no

Hemosc para a realização de cirurgias nos hospitais da Grande Florianópolis. Mas o governo segue dizendo que as OSs são uma forma "moderna" de gerenciar a saúde pública no estado e no país.

Em reunião realizada no dia 23 de setembro entre a SES, o SindSaúde e o Sintespe, o secretário de Estado da Coordenação e Articulação, Ivo Carminati, afirmou que "não há volta, as Organizações Sociais vieram para ficar e modernizar a gestão na saúde pública. Não temos dinheiro para a saúde. Precisamos do dinheiro do capital privado, isso vai melhorar o atendimento aos pacientes do SUS". De acordo com o SindSaúde, o secretário também disse, em uma das reuniões realizadas com o Sindicato e com os servidores do Hemosc e do Cepon, que "em todo o mundo as políticas de Estado Mínimo estão sendo aplicadas por problemas na gestão dos órgãos públicos e que Santa Catarina não pode ficar de fora, por isso o governo defende esta política". Partindo destes princípios, o governo não tem mais intenção de manter a saúde pública. A partir de agora o capital privado vai ajudar os doentes e pobres do país e de graça, investindo em órgãos públicos, sem querer nada em troca... Será?

Na página da internet do Ministério da Saúde, o Hemosc e o Cepon estão cadastrados da seguinte forma: natureza da Fundação – PRIVADA, Esfera Administrativa – PRIVADA. O que significa o fato de, no cadastro do governo federal, o Hemosc e o Cepon já pertencerem à iniciativa privada?

## Modelos que não deram certo

O Hospital Materno-Infantil de Joinville foi totalmente reformado e entregue a uma OS, ou seja, ao capital privado. Assim que começou a "dar prejuízos" - como se um hospital público devesse dar lucro - voltou a ser socorrido pelo Estado. Isto lembra algo? A crise nos Estados Unidos, onde o capital privado - na figura dos bancos - está afundando e é socorrido pelo Estado. Aliás, por falar nos Estados Unidos, lá o sistema de saúde é totalmente

privatizado e não funciona. Quem não tem dinheiro para passear na terra do Tio Sam (ou também não tem nenhum interesse em conhecer, como é o meu caso) pode conferir a realidade do "sonho americano" (uma terra de grandes oportunidades para todos) no documentário *Sicko - SOS Saúde*, de Michael Moore.

O documentário desvela o sistema de saúde norte-americano, onde os planos privados se negam a cobrir tratamentos mais

caros, que possam trazer prejuízos à empresa. Quem não pode pagar um plano de saúde é jogado literalmente nas calçadas, abandonados à própria sorte. No documentário, uma médica, ex-funcionária de um plano de saúde, pede desculpas pelas mortes causadas pelos carimbos de "recusados" nos pedidos de tratamento dos pacientes e clientes do plano de saúde.

É uma realidade que também acontece no Bra-

sil. Quantos tratamentos não são cobertos pelos planos de saúde? Quantas pessoas esperam doentes pelo término do prazo de carência estabelecido pelo seu plano de saúde para então poderem se tratar? O SUS não exclui ricos nem pobres, negros, índios ou brancos. É o plano de saúde que pode ser usufruído por todos.

E precisa, mais do que nunca, ser defendido contra os ataques que vem sofrendo.

# Fome do mercado pode fazer mais vítimas



A entrega da saúde pública ao capital privado em Santa Catarina não pára por aí. Também estão na mira das privatizações o Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, que, caso seja aprovado o Projeto de Lei 92, de 2007, será transformado em uma Fundação Pública de Direito Privado, ou seja, privatizado.

O governo do Estado também publicou o Edital de Concurso de Projetos nº 002, de 13 de agosto de 2008, que tem o objetivo de firmar Contrato de Gestão com entidade de direito privado, qualificada como Organização Social, na área da saúde, para execução das atividades e serviços desempenhados pelo SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência).

O Hospital Florianópolis, que já foi um hospital-modelo federal, está sob o comando do estado e, sucateado, será fechado para reformas. Os servidores estaduais e federais que trabalhavam no hospital, bem como as associações de moradores dos bairros próximos à instituição, que fica no Estreito, em Florianópolis, estão preocupados com o fechamento do HF e com a possibilidade de ele ser entregue a uma OS. "Queremos a garantia de que o HF vai reabrir ao público e que os servidores tenham seus empregos de volta no hospital", afirma Valmir Braz de Souza, coordenador do Sindprevs/SC, sindicato que representa os servidores federais que trabalham no hospital. Uma comissão formada por servidores estaduais, federais e contratados, com participação do Sindprevs/SC e do SindSaúde, irá acompanhar a reforma. Todos, servidores e comunidade, estão de olhos bem abertos e pretendem acompanhar de perto os planos que o governo estadual têm para o hospital.

Setores de lavanderia, segurança, laboratórios e nutrição dos hospitais públicos em Santa Catarina já estão

sendo terceirizados/privatizados há muito tempo. Até onde vai chegar a privatização da saúde no Estado e no Brasil? Quem tiver convênio particular será atendido antes pelas ambulâncias do SAMU?

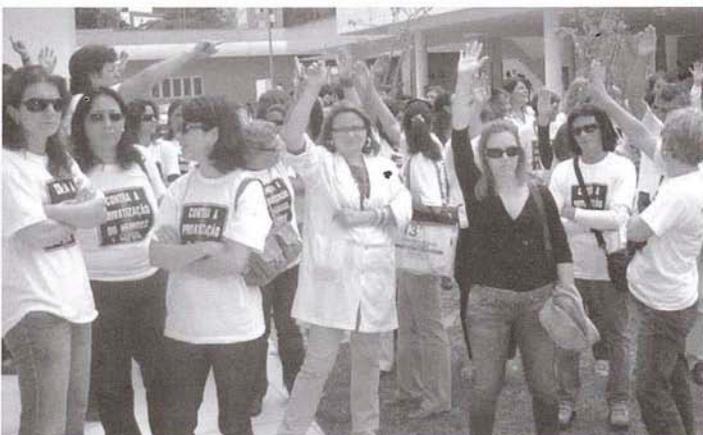
Em entrevista para o jornal *Dário Catarinense* no dia 17 de outubro, o presidente da Federação dos Hospitais de Santa Catarina (Fehoesc), Tércio Kasten, declarou que a posição da Fehoesc - também defendida pelo governo do estado - é que a gestão dos serviços de saúde (hospitais, laboratórios, clínicas e pronto-atendimentos) passe a ser da iniciativa privada, e não mais do poder público. "Por iniciativa privada, entende-se associação de classe, organizações sociais e afins", diz o texto, que anuncia como tema principal do 31º Encontro Catarinense de Hospitais e Prestadores Serviço de Saúde as "Parcerias Público-Privadas para a sustentabilidade dos serviços de saúde". O Encontro foi realizado nos dias 16 e 17 de outubro no município de São José, na Grande Florianópolis.

Se não houver uma grande mobilização de toda a sociedade em defesa do SUS, o que vamos ver no Brasil é a completa privatização dos serviços públicos da saúde. E se a classe média acha que não será atingida, basta ver o que acontece nos Estados Unidos, "modelo" de país desenvolvido, moderno, eficiente, onde a saúde é privatizada e os planos particulares recusam os tratamentos que não lhe são convenientes, que não dão lucro. Se a sua vida não tem preço, não está à venda, defenda o SUS, defenda a saúde pública e de qualidade para todos. Defenda um modelo de saúde preventiva para o país, para não ficarmos à mercê do lucrativo mercado no qual a saúde das gentes é transformada em lucro.

Foto: Marcela Cornelli



Foto: Luciana de Moraes



12

Pobres  
Nojentas  
maí/jun  
2008

Servidores do Hospital Florianópolis em reunião sobre a reforma do HF e servidores do HemoSC e do Cepon reunidos em assembléia

# Primavera selvagem

Por Fernando José Karl,  
de São Bento do Sul, SC

## *Dedico à vó Ana, 97 anos, que nasceu na primavera*

Cura-me de formas turvas, primavera selvagem. Cura-me da miséria tumular. Cura-me do ríctus da amargura. Cura-me do conturbado vendaval de Carrasozza. Cura-me de não fazer ablução com água de estrela. Cura-me de crótalos marinhos envenenados. Cura-me de cadáveres dragados nos paús. Cura-me com os Santos Óleos e o azeite dos doentes. Cura-me de fétidas palavras. Cura-me com a força da doçura. Cura-me com a força da poesia. Cura-me com a força da música. Cura-me com a força das mulheres e das crianças. Que língua, ossos e olhos sejam para sempre. A constelação dentro de ti: água imersa em água. Buddah é o que acontece na pureza. Daqui há bilhões de anos, tua respiração um Buddah: será hoje! Buddah é o ar: não é um, nem um não. Mistura de ambos. Não é um: é concha, Órion, vento. Nem um não: Buddah é sim. Mistura de ambos: Buddah é, sim, concha, Órion, vento. Quanto mais próxima a língua da origem da chuva, menos fel e gramática. O acaso espregia da folha em branco. Toda sede do céu é de abismo e vivace sorvo, touro de mar caço à unha: oro a Orum, peço que a neve não caia nas árvores vergadas pela névoa. O pensamento quer matar a sede na chuva. Quanto mais

perto da música de câmara, mais a língua venta um acorde que amanhece esse virgem verso, esse rosário de buirás, esse kami na imensa altura do vento. Sonhar paraíso que enxágua retinas em moinhos-de-vento. No paraíso, esquecidos de tudo, jogamos búzios, modelamos o barro, adormecidos em camas de ilusão, acordados pelo assovio de um círculo branco. No paraíso, um dia, palavras de Shiva Nataraj, outro subimos a encosta pedrenta, saltamos da beira do abismo à solitude do jarro. Ontem somos mulheres, fritamos peixe, ou amanhã, homens, varremos a casa. Sábado, porque só há sábado no paraíso, crianças sopram o sol e o perfume do sol nos impregna com duas eternidades. Quando morremos, sim, porque há morte no paraíso, em cemitérios não nos acostumamos, fugimos pelas crinas de garças, escutando na barca Nautikon a respiração de Buddah, a çankha de Buddah. Sob o linho castiço da chuva, a treva horrível de nosso espírito vocífera claros nomes serenos. Atravesso o deserto com uma pedra no fundo do poço. Tanto

azul de águas, mas a pedra, taciturna monja sem sol, nada espera, é só uma pedra envolta em antigo silêncio. Bem no fundo do mar de Abrolhos, esta pedra, seca por dentro. Tudo se pode falar: a transparência contínua, a praia com bicicletas. Eu rezarei a noa de um colar sem sombras, que te guardará da ilusão enorme. As relíquias de um domingo de ramos no copo d'água e nunca mais te verei embaixo da figueira. À sombra adriática do desejo eu busco – o vento que ergueu tua saia – a saia com que baixaste ao túmulo. A última flor do Lácio afina a língua no elixir primitivo que enovela a pedra sânscrita, pedra que os construtores desprezaram. Com ela posso segredar sargaço, grafismo, água à língua. Amigos, inimigos, não acordem as banhistas nuas na piscina. Elas nem sabem que o Arcanjo podia vir acordá-las com pizicatos de violoncelo. Tomara que nunca venha. Só assim as adormecidas continuam nuas. Avança um acorde de piano no esquecimento como dardo de luz brincando. Eu tenho motivos de sobra para ficar entre águas e conchas. Eu quero mar, ritmo, gôndola. Eu quero ar, clarabóia, agave. Tenho motivos que a luz desconhece. Só o silêncio perfumado sabe a imensidão de nossa primavera invencível.

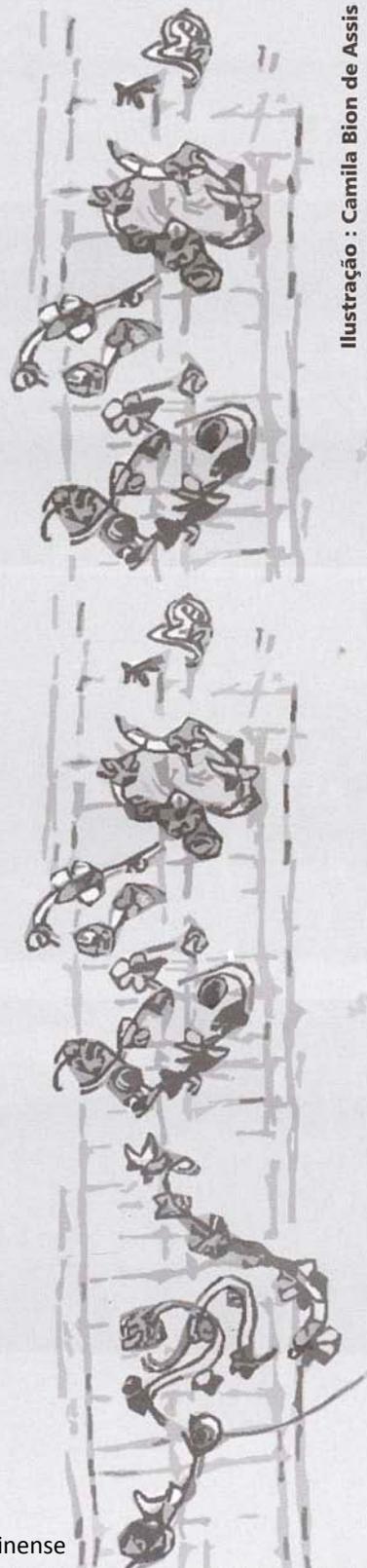


Ilustração : Camila Bion de Assis



# Eko Porã, a esperança da vida boa

Por Elaine Tavares,  
de Florianópolis

Já faz seis anos que é assim. De repente, quando chega o solstício da primavera, quando tudo que é lindo nasce, a Universidade Federal de Santa Catarina vive um estranho ritual. Bem no meio do conservadorismo, do atraso, da sisudez que caracterizam a instituição catarina, abre-se uma cratera de alegria, cor, beleza e diversidade. É o Eko Porã, um festival promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores que reúne os seres mais incríveis que há na terra. Hippies, andarilhos, viandantes, profetas, Hare

Krishna, povo que vive de luz, comunidades originárias, rastafaris, gente do Santo Daime, yoguis, contadores de histórias, bichos do boi-de-mamão, atores do teatro de fantoches, mímicos, cantadores, crianças, muitas crianças, enfim, a fina flor da independência e da liberdade.

No meio da praça se ergue uma tenda onde estes seres passeiam e trocam saberes. Os estudantes, assustados com a exuberância da primavera, passam espiando, ressabiados. Poucos param e se deliciam. A maioria segue o caminho, muitas vezes repreendendo

aquele espaço de pura alegria. As gentes que celebram a primavera nem se importam. Cantam, brincam, saúdam o sol, dançam ao som do mantra de Krishna e se abraçam. É estranho, mas no meio da casa do saber eles são vistos como loucos.

O dia vai passando sob o sol da primavera que abre suas asas e o povo do Eko Porã vai crepusculando. Há um cheiro bom no ar. Há risos de crianças, cantorias indígenas, comida de deuses. Há cabelos enredados, peles pintadas, sons de flauta. Amor. No fim do dia, os tambores rastafari fazem a batida

do coração. Saúdam a mãe natureza, Pachamama, Gaya. E aquele som, ritmado e surdo, vai entrando na alma, aquecendo o corpo, preparando as gentes para o grande meio-dia. Na universidade burguesa, o rebelde sindicato faz nascer uma flor. Não é feia, como em Drummond. É bela, porque nossa, porque livre, porque pura. E assim se passa mais um Eko Porã. Esse desejo Guarani de vida boa e bonita para todas. Perdeu quem não viveu. Mas as imagens deste ekoporânico homem - que também nasceu no solstício - recuperam a atmosfera desta vida boa, hoje, agora!



# EUA: dois séculos de tramóias contra a liberdade dos povos

Por Elaine  
Tavares,  
de  
Florianópolis

A crise criada pela oligarquia branca na Bolívia não é nenhuma novidade para os povos latino-americanos e também de outras regiões do mundo. Este tipo de ação conjunta entre as elites predadoras nacionais e o estado terrorista ianque é recorrente e parece seguir sempre o mesmo método: criação de focos desestabilizadores, instrução militar, apoio financeiro e mentiras, muitas mentiras. Estas são reproduzidas à exaustão pelos grandes meios de comunicação, na eterna lógica de desinformação e de fortalecimento da ideologia dominante. Assim, com o mesmo velho método já utilizado em 1836, quando insuflou a elite da região do que hoje é o Texas a se separar do México, os Estados Unidos atentam contra a soberania dos povos sempre com o mesmo objetivo: garantir o seu domínio sobre países e as riquezas.

Quem conta esse momento fundador das tramóias ianques – que nada tem de teoria da conspiração, são fatos mesmo – é o historiador estadunidense Howard Zinn, no seu livro “A outra história dos Estados Unidos”. Ele mostra que foi esta trama urdida desde Washington para assimilar o estado do Texas que deu origem à guerra empreendida pelos EUA contra o México. O confronto, que iniciou depois de uma provocação militar estadunidense, acabou garantindo aos Estados Unidos um imenso pedaço do território mexicano. Durante a guerra foi fundamental a batalha de desinformação travada na mídia, tal e qual se pode observar hoje. Ao ler as páginas do livro de Zinn a impressão que fica é de que nada mudou. Ele lembra, ainda, que a famosa Doutrina Monroe, divulgada em 1823, quando os países da América Latina principiavam seus movimentos de libertação, já deixava claro que o país do norte considerava toda essa região debaixo de sua esfera de influência. Zinn ainda denuncia que entre 1798 e 1895, os Estados Unidos interviram nos assuntos de outros países 103 vezes.

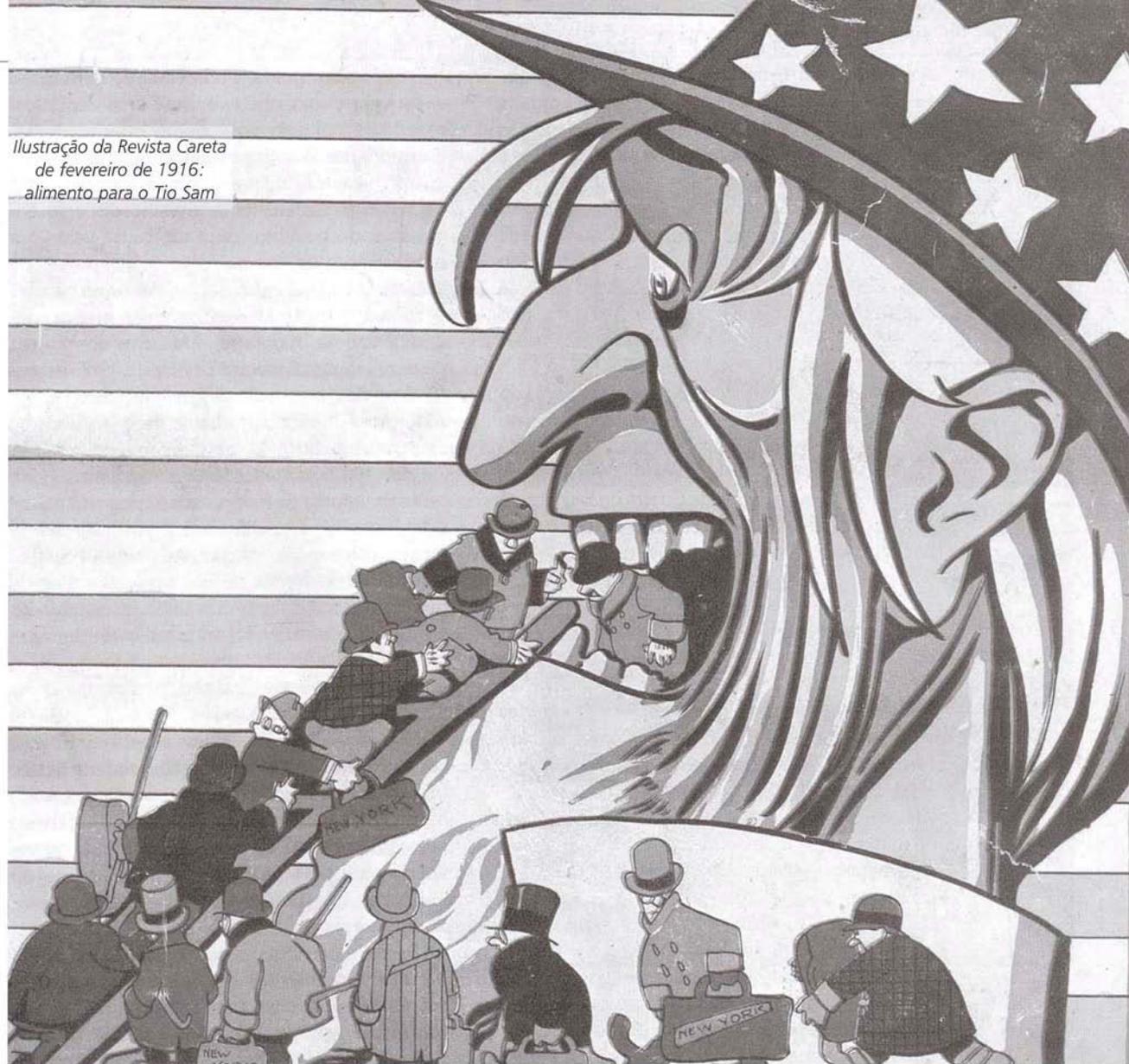
Outro estadunidense que conta sobre o processo de militarização do mundo pelos Estados

Unidos é o ex-agente da CIA Chalmers Johnson. No seu livro “As aflições do império”, ele afirma que este jeito de fazer as coisas se fortaleceu no ano de 1898, quando o país estava em tratativas com a Espanha pela independência de Cuba, da qual se considerava “tutor”. No meio das negociações, no dia 15 de fevereiro, uma misteriosa explosão destruiu um navio de guerra estadunidense que estava ancorado na costa cubana, o USS Maine. Quase 300 soldados morreram e os meios de comunicação inundaram as cabeças das gentes com a seguinte versão: a explosão tinha sido obra da Espanha. Esse fato provocou um furor bélico na nação e todo mundo exigia a guerra. Então, com o beneplácito do povo, os Estados Unidos declarou guerra à Espanha, que sempre negou ter sido a responsável pela explosão. Nunca ninguém conseguiu provar o que aconteceu com o USS Maine, mas a considerar a história, é bem provável que tenha sido destruído pelo próprio serviço secreto estadunidense para dar motivo à guerra. Qualquer semelhança com o 11 de setembro não é coincidência, até porque há registros de uma carta do presidente Theodore Roosevelt, em 1897, que dizia a um amigo: “Em estrita confidência, agradeceria quase qualquer guerra, porque penso que este país está precisando de uma”.

A guerra hispano-americana serviu ainda para os Estados Unidos conquistarem as Filipinas, um conjunto de ilhas que fica bem próximo ao Japão, estendendo os braços do nascente império para a Ásia. Mais de 200 mil filipinos morreram neste processo, visto pela mídia estadunidense como “ato de amor” dos Estados Unidos. Por considerarem os filipinos “uma gente senil e selvagem”, acreditavam que, com a ocupação, o país estava levando o cristianismo e a civilização ao oriente.

Esta jogada de mestre, que acabou expandindo o território pela via militar, abriu uma porta muito lucrativa para o empresariado estadunidense. “Os imperialistas são os parasitas do

Ilustração da Revista Careta  
de fevereiro de 1916:  
alimento para o Tio Sam



patriotismo... nunca perdem de vista as oportunidades de negócios lucrativos”, diz o economista John Hobson. E a prática tem mostrado que é assim mesmo. A guerra desde então virou um negócio para os capitalistas e, hoje, grande parte da economia estadunidense está ancorada neste “setor”. Só para se ter uma idéia, pouco antes do início da guerra no Iraque, em 2002, o governo estadunidense encomendou a duas grandes empresas de cosméticos 273 mil frascos de filtro solar, elevando em mais de três vezes a produção das indústrias. Proteção (?) para os soldados e para o lucro de uns poucos. Além disso, todas as decisões

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

levam em conta o marquetim, conforme se pode notar da declaração do chefe de gabinete da Casa Branca à época do início do confronto, Andrew H. Card Jr: “Do ponto de vista do marquetim, não se deve lançar um produto em agosto”. Daí a guerra ter iniciado no mês seguinte, junto com os grandes lançamentos da indústria de Hollywood. Nada mais do que *bussines*.

## Rede de intrigas

Tão logo acabou a guerra hispano-americana os Estados Unidos voltaram seus olhos para a

América do Sul. Estava em andamento um projeto grandioso que visava abrir um canal entre os dois oceanos, Pacífico e Atlântico. Pois usando as mesmas técnicas de mentiras, enganos, intrigas e formação de grupos armados desestabilizadores, o país do norte criou um foco separatista na região do que hoje é o Panamá, justamente o lugar onde estava sendo construído o canal. Também ali o jogo foi vitorioso. Com a ajuda ianque o Panamá declarou independência da Colômbia e o primeiro ato do governo recém-constituído foi fechar um acordo leonino com os Estados Unidos sobre a questão do canal. Os EUA terminariam as obras do canal e ficariam com o direito de usufruir o mesmo por um século inteiro. É justamente no ano de 1903 que os Estados Unidos criam, internamente, o Estado Maior e a Escola de Guerra do Exército. Já haviam percebido que toda a expansão sonhada viria pela força das armas. Preparavam-se para ser o império da vez.

Na aurora do século XX outra "ameaça" passa a pairar sobre as propostas de civilização dos Estados Unidos: é o socialismo. Mesmo dentro do país este inimigo abria suas asas, com grandes greves dos trabalhadores - fomentadas pelos imigrantes anarquistas e socialistas que haviam arribado na "terra das oportunidades" - chegando a protagonizar grandes batalhas com a Guarda Nacional. Para esconder o movimento dos trabalhadores da mídia, os Estados Unidos providenciaram uma guerra com o México outra vez em 1911, alegando que em Vera Cruz haviam aprisionado alguns soldados e se recusavam a pedir desculpas. Por conta disso, atacaram a cidade, bombardearam e mataram mais de 100 mexicanos. Isso tirou de cena a luta trabalhista. Não bastasse isso, durante toda a revolução mexicana os Estados Unidos faziam intervenções, procurando minar a vitória dos camponeses e trabalhadores.

Logo em seguida, a primeira guerra mundial vai ocupar as manchetes e, mais uma vez, atíçar a sede de domínio do governo estadunidense. O presidente Woodrow Wilson insistia em não entrar no conflito, mas, com o afundamento do navio inglês Lusitânia, o velho discurso enganador do governo foi usado outra vez. Com o argumento de que no navio estavam mais de 100 estadunidenses e que aquela era uma nave de paz, os Estados Unidos entraram na guerra com a anuência da população. Mas o navio não era de paz. Segundo Howard Zinn, o Lusitânia estava fortemente armado e levava milhares de caixas de munição. A lista do carregamento foi falsificada. De novo, a política da mentira.

Em 1915 os Estados Unidos invadiram o Haiti, onde uma força da marinha desembarcou na capital Porto Príncipe, dirigiu-se às caixas fortes do "Banco Nacional do Haiti" e, em plena luz do dia, armada até os dentes, passou a mão nos mais de quinhentos mil dólares que ali havia, levando-os para os City Bank. As forças estadunidenses ficaram no país até 1934, quando deixaram o povo entregue a uma das dinastias mais sanguinárias da região: a família Duvallièr: Fraçois (de 1957 a 1971) e seu filho Jean-Claude até 1986. Hoje, a vergonhosa ação que novamente submete o país, inclusive sob o mando de tropas brasileiras, nada mais é do que a continuidade destas intervenções, só que desta vez com a gerência de outras "nações amigas".

No ano de 1916, foi a vez de as tropas estadunidenses invadirem a República Dominicana, onde permaneceram até 1924, deixando como presidente do país outro ditador da pior estirpe: Leônidas Trujillo, mais conhecido como "o chagal do Caribe", que ficou no poder por 31 anos. A este, a mídia cortesã nunca chamou de ditador e somente quando ele se tornou um entrave para

Revista Virtual

**DESACATO**

América Latina – Soberania e Paz

WWW.DESACATO.INFO

DESACATO.BRASIL@GMAIL.COM



a política estadunidense é que acabou sendo morto pela própria CIA. Tanto no Haiti quando na República Dominicana os argumentos para as invasões foram os de "levar a democracia". A história mostra muito bem os horrores dos regimes que lá ficaram sob as ordens do império.

## As invasões não param

A segunda guerra mundial leva mais de 18 milhões de estadunidenses para as Forças Armadas e as atrocidades de Hitler fazem com que este conflito se transforme na guerra mais popular vivida pelos Estados Unidos, sendo inclusive apoiada pelos trabalhadores ligados à esquerda. Foi ali que o país consolidou a sua fama de paladino do bem, salvando a humanidade do então denominado eixo do mal. Todo este "saber-fazer" que os Estados Unidos colocavam a serviço da "democracia" e, de alguma maneira, aos olhos da opinião pública, veio respaldar as ações de guerra nos demais países. Não foi à toa que a lógica de ocupação e usurpação da soberania continuou.

Em 1946, quando assumiu a presidência da Bolívia um jovem militar nacionalista apoiado pelas forças populares, os Estados Unidos foram criando instabilidades internas, no seu velho estilo, até que conseguiram organizar o linchamento e o assassinato do presidente. Com isso a Bolívia saiu da influência das idéias "esquerdistas". Também a Guatemala nacionalista, sob o comando de Jacobo Arbenz, sofreu o peso da mão dos Estados Unidos, aborrecidos com o tratamento dado à sua empresa *United Fruit*, que também fazia o favor de levar "civilidade" ao país. Para mostrar que ninguém mexe, impunemente com as empresas dos EUA, o país foi invadido em 1954 e o presidente deposto.

Ainda no mesmo ano, os olhos se voltaram para o Brasil e, usando o mesmo jogo de intrigas e mentiras, a CIA consegue levar à bancarrota o governo de Getúlio Vargas, com o providencial suicídio do presidente. No ano seguinte foi a vez de derrubar Juan Domingos Perón e entregar toda a indústria estatal argentina nas mãos privadas, provocando o desmantelamento e a desnacionalização da economia. No ano de 1961 os ianques tentam acabar com a revolução cubana a partir de uma invasão via Playa Girón. O exército, formado basicamente de mercenários, foi fragorosamente derrotado, o que não impediu que os Estados Unidos seguissem com sua política de domínio no resto da América Latina. Tanto que em 1964 já estavam eles, entre as tramóias montadas para depor o presidente João Goulart, aqui mesmo, no Brasil. Inclusive, agora, começam a aparecer as provas de que a morte de Jango no Uruguai tenha sido um envenenamento urdido pelo serviço secreto. Veio a ditadura militar e todo o horror que se repetiu em quase toda América latina.

Em 1965, ainda buscando acabar com todo e qualquer foco revolucionário na região do seu "quintal", os Estados Unidos invadem outra vez a República Dominicana, onde principiava emergir um levantamento revolucionário popular. Tudo foi aplastado. Não satisfeito com estender seus tentáculos para a América Latina, o país do norte empreendeu uma longa caminhada para o oriente, fazendo aconte-

Fotos: Boerries Nehe



cer a guerra do Vietnã, numa clara intromissão nos destinos das gentes daquele lugar. Tudo para evitar que elas caíssem sob o “domínio do mal”, é claro: o socialismo. Foram dez anos de guerra, com os requintes de crueldades em inovações de armas químicas, que custaram milhares de vidas. Lá também os EUA saíram derrotados, mas não perderam a arrogância. Até hoje, nos filmes que Hollywood faz sobre os fatos, os mocinhos sempre são os gringos.

No ano de 1973 os Estados Unidos voltam outra vez os olhos para a América Latina. No Chile de Salvador Allende incendiavam-se os desejos de vida digna e soberania. Falava-se em socialismo e os senhores da guerra usaram de seus velhos truques. Atuando junto à direita, cooptando sindicalistas e lideranças sociais, foram criando o caldo da contra-revolução até culminar com um golpe de estado que colocou no poder Augusto Pinochet. Este encharcava de sangue o país, sob as bênçãos da CIA e da Escola das Américas, que ensinava aos militares as técnicas mais sofisticadas de tortura. Também o Uruguai sofreu a intervenção alheia e uma ditadura sanguinária se instalou. Dois anos depois era o Peru que caía a partir de um golpe contra o presidente nacionalista Juan Velasco, que havia nacionalizado empresas estadunidenses e feito uma reforma agrária que beneficiaria mais de 370 mil famílias.

Nos anos 80 os Estados Unidos estiveram por trás de todos os movimentos contra-revolucionários da América Central, combatendo com mercenários a soldo os partidários de transformações radicais naquela região. Tirando os sandinistas que lograram vencer na Nicarágua, os demais não conseguiram. E ainda assim, depois de algum tempo, são os Estados Unidos que fomentam a

derrocada dos sandinistas, com sua títere, Violeta Chamorro, em 1990. Durante os anos anteriores ao sandinismo, eram os EUA quem treinavam e financiavam a ditadura de Somoza.

Em 1981 são as tramas secretas dos agentes da CIA que viabilizam o assassinato de Omar Torrijos no Panamá, um presidente nacionalista que logrou rever a questão do canal, viabilizando um acordo

de devolução para 1999. Em 1982, ajudam, pela segunda vez na história, a Inglaterra na vilania de abocanhar as ilhas Malvinas da Argentina. A base estadunidense na ilha Ascensión, os satélites ianques no espaço, as armas, combustíveis, mísseis, e até o serviço diplomático, tudo foi colocado a serviço da agressão colonialista inglesa. No ano de 1983 os Estados Unidos promoveram a invasão da pequena ilha de Granada, que caminhava pela senda do socialismo. Pois o governo estadunidense iniciou uma campanha contra o governo, acusando-o de ter em seu território bases soviéticas que iriam ajudar as guerrilhas da América Central. A mesma mentirosa história tantas vezes engolida.

Em dezembro de 1989, Bush pai mandou invadir o Panamá e lá aportaram mais de 26 mil soldados. O objetivo era depor Manuel Noriega, que tinha sido um bom aliado - e agente da CIA - mas estava querendo caminhar com os próprios pés. Assim, com o argumento de que ele liderava um cartel de drogas, o exército estadunidense baixou em Ciudad Panamá e, no ataque ao bairro mais populoso da capital, El Chorrillo, mais de quatro mil civis morreram. Durante os anos 90 os EUA não se limitaram a fomentar desgraça na América Latina, também estiveram presentes em “ações humanitárias” na Somália, Bósnia e Kosovo. No Afeganistão mantiveram bem armados os exércitos do talibã e só depois é que vão considerá-los inimigos, destruindo-os na guerra pós-11 de setembro de 2001.

Em 1995, os ianques invadiram mais uma vez o Haiti, com o argumento de que o governo de Bertrand Aristide era corrupto. Então, para “salvar” o povo, lá foram os marines promover arruaças. Estão lá até hoje, junto com tropas de outros tantos países títeres, entre eles o Brasil. A partir de 1999 entram também na Colômbia, desta vez com a bênção dos governantes locais. Sob o pretexto de combater o tráfico de drogas, implementam o Plano Colômbia que nada mais é do que manter a região sob o seu domínio militar, bem às portas da Amazônia, berço da maior biodiversidade do planeta.

Em 2002 avançam sobre o Afeganistão e depois invadem o Iraque, sempre ancorados em fragorosas mentiras. E o mais incrível é que as mentiras seguem sendo as mesmas, desde o 1800. Daí que parece completamente inverossímil o fato de os jornalistas não saberem de todas estas



informações, disponíveis em vários documentos e livros escritos desde os Estados Unidos.

## Hoje na Bolívia, na Venezuela e no Paraguai

Desde 1998, quando Hugo Chávez assume a presidência da Venezuela, os Estados Unidos vêm tentando colocar por terra todas as idéias nacionalistas que foram se conformando no andar do governo. E, quando Chávez começa a falar em socialismo, aí mesmo que a situação se complica. Nacionalização da PDVSA, combate à ALCA, aproximação com Fidel Castro, tudo isso configura perigo ao poderio estadunidense. Até que o serviço secreto inicia a mesma sorte de tramas, intrigas e formação para o golpe. Este acontece em abril de 2002, mas dura pouco tempo. As gentes da Venezuela saíram às ruas e exigiram o respeito à Constituição. O golpismo da direita entreguista e seus aliados gringos se esfacela diante do poder popular. Chávez volta e aprofunda as reformas.

Anos mais tarde, na Bolívia, vence as eleições um aymara, que tinha no seu programa a proposta de nacionalizar as riquezas até então em mãos estrangeiras e dar autonomia às nações originárias. A vitória esmagadora de Evo Morales lhe dá a condição de iniciar as reformas. Tudo isso arrepia o cabelo da oligarquia branca de Santa Cruz, que começa a chamar o separatismo, ato muito bem orquestrado com os “criadores de crise profissionais” do estado do norte. Não bastasse isso, Rafael Correa vence as eleições no Equador, também com um programa mais próximo de Hugo Chávez e Evo Morales. Era a formação de “eixo” de esquerda que tinha de ser estirpado.

O jogo midiático de mentiras e intrigas é alimentado todos os dias pela grande mídia, que representa os interesses das elites locais. É desde estas usinas ideológicas que vai se formando uma opinião pública, totalmente distorcida diante da descarga avassaladora de mentiras e meias verdades. Agora, com a eleição de Fernando Lugo no Paraguai e suas promessas de reforma agrária, também o país do sul está na mira dos ianques, já ameaçado de golpe.

Enfim, a América Latina vive mais uma vez um feroz ataque da águia estadunidense e as gentes parecem não saber. Cabe aos jornalistas, analistas e agentes de comunicação popular puxar o véu,

destapar toda esta muralha de mentiras para que as populações possam ter a condição de se posicionar diante dos fatos. A violência na Bolívia, provocada pelos separatistas brancos e oligarcas, não é uma coisa isolada, limitada às fronteiras bolivianas. É mais uma ação do mesmo padrão de sempre, na sua eterna missão de separar, intrigar, dividir, para continuar reinando. Este império já teve suas derrotas: em Cuba, na Nicarágua, no Vietnã, no próprio Iraque. Não é invencível. Só as gentes, informadas e unidas, poderão dar a resposta necessária a toda essa rede de intrigas. Na Venezuela foi o povo organizado que restituiu o caminho da revolução bolivariana. Agora, na Bolívia, será o povo quem vai conduzir os destinos da nação. Lutar pela garantia das mudanças constitucionais ou embarcar nas armadilhas das marchas da direita. Esta é a decisão. Esperamos que seja sábia.

## Unasur em defesa dos povos da região

Pela primeira vez, numa situação de ataque a uma nação latino-americana, os países da América do Sul, já organizados numa instituição, se reuniram de forma emergencial num lugar muito simbólico: o Palácio de La Moneda, onde há 35 anos foi assassinado o presidente chileno, Salvador Allende, vítima das tramas urdidadas pelos Estados Unidos. Disse Hugo Chávez que naqueles dias todo o mundo guardou silêncio, mas hoje não, “todos estão aqui para apoiar o governo democrático de Evo Morales”. Lembrou o presidente venezuelano que a Bolívia é um país que vive de forma radical a sua democracia e tudo o que acontece lá por estes dias é fruto da intervenção estadunidense.

A Cúpula da União de Nações Sul-Americanas, a Unasur, terminou sua reunião com uma série de encaminhamentos práticos. Criar uma comissão para investigar as

mortes na região de Pando, outra estará em permanente contato com o presidente Evo Morales, acompanhando os fatos, e mais uma dará todo o apoio logístico necessário para o governo boliviano enfrentar os ataques que vive atualmente.

Evo Morales, presente à reunião, agradeceu emocionado a esta posição firme e inédita dos países da Unasur de defender a democracia boliviana. Insistiu que vai lutar para manter em andamento as transformações profundas que acontecem hoje no país, refundando a Bolívia desde a perspectiva popular. As conversas com os prefeitos da região que querem a separação seguem lentas e acredita-se que a pior fase da crise já passou. Mas, a considerar a história de intervenção do império, não é demais colocar as barbas de molho. O império está ruindo, é fato, mas nessa hora de ocaso ele pode ficar ainda mais feroz. Ojo!

+ um número

De acordo com a Comissão para a América Latina e o Caribe (Cepal), a inflação na América Latina atingirá em 2008 uma média entre 9% e 10%, o que levará a um aumento da pobreza na região com

**15 milhões**

de novos pobres.

**1881**

é o ano em que apareceram as primeiras eleições diretas no Brasil, com a Lei Saraiva, redigida por Ruy Barbosa.

**1**

em cada três brasileiros que vivem nas cidades não tem condições dignas de moradia, apontam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2007.

A ONU faz uma projeção do crescimento populacional em São Paulo prevendo que será a quinta maior população do mundo em 2025. O número de habitantes será de

**21,4 milhões**

**4%**

da população do país, o que equivale a 7 milhões de brasileiros, são moradores de fevelas, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Mais da metade, cerca de 4 milhões de pessoas, está concentrada nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Imagens de troncos carbonizados denunciam para o mundo todo o desmatamento da floresta amazônica. Mesmo sem ser visto, desastre semelhante ocorre nos oceanos. Segundo o biólogo Fernando Reinach, em mais de

**400**

locais do mundo o oceano morreu.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2007, no ano passado o rendimento médio real das mulheres no mercado de trabalho brasileiro correspondia a

**66,1%**

da remuneração média masculina.

Mais de

**500.000**

mulheres morrem a cada ano por causas relacionadas com a gravidez e o parto, a quase totalidade em países subdesenvolvidos, segundo pesquisa divulgada pela Unicef em setembro.

# O vinho é bom para o coração?

Por **Amberson Vieira de Assis**,  
cardiologista, de Florianópolis

Dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas mostram que o álcool é a segunda droga mais consumida após o tabaco. Ele é responsável por 90% das internações por dependência e o Brasil possui cerca de 17 milhões de dependentes, que custam ao país cerca de 34 bilhões de reais ao ano. O início do consumo do álcool costuma ocorrer aos 12 anos de idade. A Aids e todos os tipos de cânceres matam menos pessoas com menos de 35 anos que os acidentes provocados por motoristas alcoolizados, segundo o Ministério da Saúde.

Os dados de literatura que sugerem que o vinho possui efeitos protetores sobre o coração surgem principalmente de estudos de populações (onde se observa o que ocorre com as pessoas durante certo tempo e se tenta identificar fatores que influenciam na saúde de forma positiva ou negativa). Esse tipo de pesquisa tem fraco poder científico e frequentemente se expõe a uma série de equívocos como erros nas medidas de quantidade de álcool consumida, resposta variável ao consumo, variação da quantidade consumida, além das influências de estilo de vida, da dieta e de aspectos culturais. Assim, a recomendação do consumo de um elemento alimentar não-essencial, mas com vários e comprovados efeitos negativos, requer dados científicos definitivos a seu respeito.

Alguns estudos sugerem que os bebedores de vinho tendem a ser menos obesos, a se exercitarem mais e que o consomem durante as refeições (aparentemente importante para o hipotético benefício). Apenas poucos

estudos parecem demonstrar algum efeito superior do vinho em relação a outros alcoólicos e não está totalmente claro se o vinho tinto oferece mais proteção que o vinho branco ou outras bebidas.

O dito "paradoxo francês", que envolveria uma mortalidade por doenças cardíacas e circulatórias 50% menor na França em relação aos Estados Unidos, tem sido historicamente atribuído ao consumo de vinho, particularmente o tinto. Apesar dos hábitos alimentares das populações européia e americana incluírem o consumo de quantidades semelhantes de gorduras, a diferença no índice de mortalidade pode estar também relacionada com o consumo do vinho nas refeições e a uma série de outros fatores comportamentais e culturais, que são bem diferentes.

O vinho tinto realmente possui substâncias com ações anti-oxidantes, quando analisadas em laboratório, como o resveratrol, além de flavonóides, que também ocorrem, por exemplo, na cerveja escura e no suco de uvas. Entretanto, uma série de estudos recentes e bem-planejados, testando o efeito de outros supostos anti-oxidantes como as vitaminas C e E, e o beta-caroteno, falharam em mostrar seus benefícios na redução das doenças cardíacas e suas complicações. Assim, consumir vinho como forma de proteção para o coração, devido a seu efeito antioxidante, é uma estratégia não-comprovada.

As ações do álcool em elevar os níveis de HDL-c (o bom colesterol) são bastante conhecidas, mas nenhum estudo avaliou seus efeitos preventivos em grandes grupos acompanhados por longo tempo, como se exige para todas as propostas de tratamento com a mesma finalidade. Ainda há

possibilidade de elevação significativa dos níveis de triglicédeos que, em certos indivíduos, podem causar problemas de saúde graves como a pancreatite aguda.

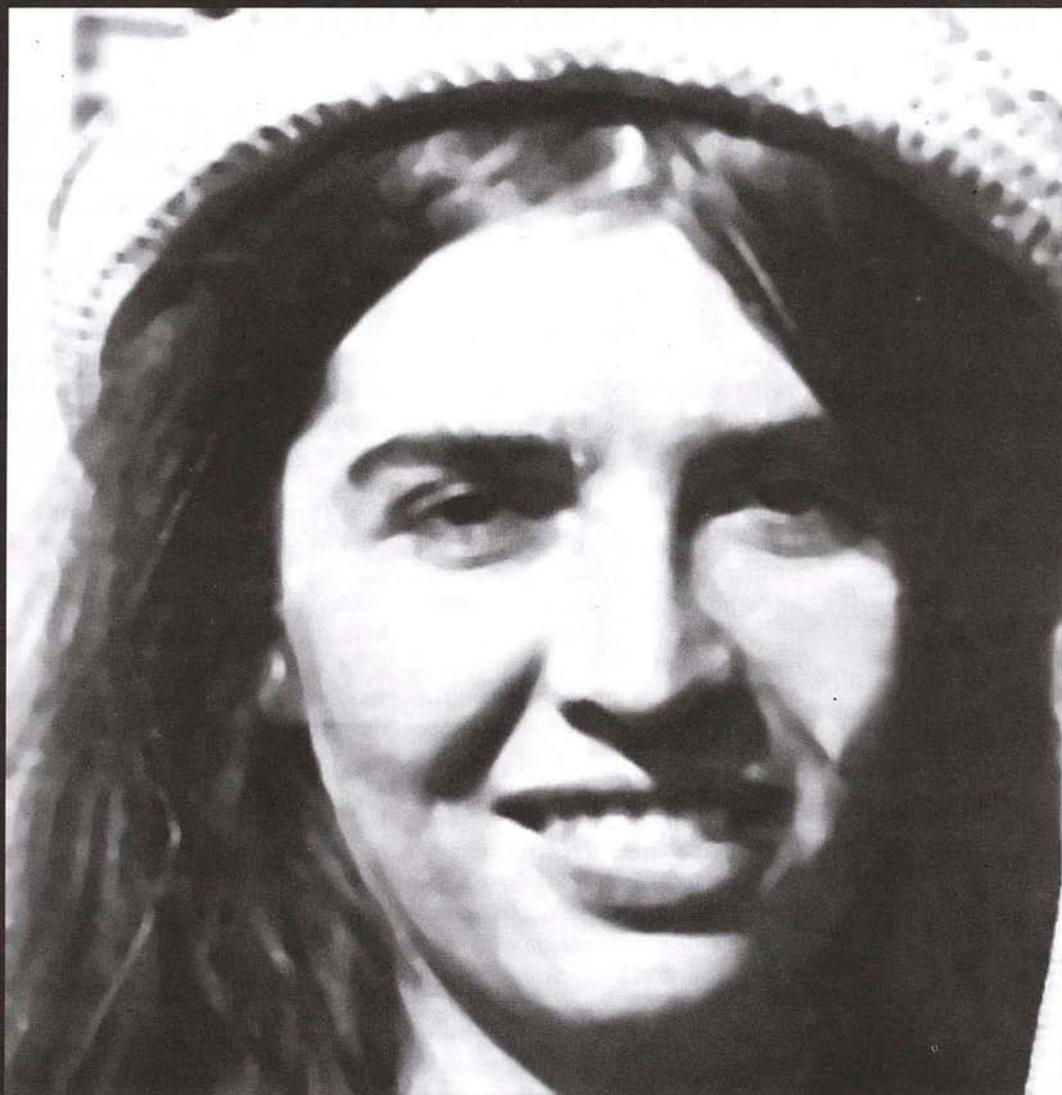
A proposta de consumo moderado de álcool (e o que é consumo moderado em termos práticos e individuais?) como forma de melhorar a saúde deve ser confrontada com as possíveis doenças que aparecem com seu consumo freqüente e em excesso.

A ingestão de álcool nunca deve ser recomendada como medida preventiva para adolescentes e adultos jovens. Nessas faixas etárias, as mortes por acidentes automobilísticos, trauma e suicídio são grandes e o álcool pode colaborar para tais desfechos.

Tomar um cálice de vinho ou uma lata de cerveja por dia poderia trazer algum benefício ao coração, ao menos em algumas populações, mas não há evidências de que o vinho seja superior aos demais alcoólicos.

Não devemos também nos esquecer das enormes demandas comerciais interessadas nessa controvérsia, já que o mercado mundial de bebidas alcoólicas movimenta bilhões de dólares. Por isso, as entidades médicas realizam freqüentes alertas a respeito do aumento do consumo de álcool por pessoas cada vez mais jovens e em quantidades cada vez maiores.

Assim, ao recomendarmos o consumo freqüente de álcool por supostos efeitos de proteção ao coração, sem a realização de estudos científicos bem conduzidos, podemos estar incorrendo em um erro tão grave quanto seria recomendar o uso de medicamentos não seriamente testados.



# Fernando Lugo, Soledad está te olhando

24

Pobres  
Nojentas  
mai/jun  
2008

Por Raul Fitipaldi,  
de Florianópolis

Quando comecei a me preocupar com a política, aos 17 anos, largando-me das idéias fascistóides adquiridas no Liceu Regina Martyrum do Uruguai, dirigido naquele tempo (não sei hoje) por padres da Congregação Servita, foi como tardia minha chegada. Além de entender pouco, nada, era portador de alienação-adquirida existencial. Entanto perambulava atrás de saias em estado de cio permanente, nada sabia de outras belas meninas que ora enfrentavam, ora fugiam dos repressores de sempre, e que queriam lhes arrancar a vida por suas idéias libertárias. Isso acontecia tão perto de mim, da minha casa natal, da posterior casa matrimonial, da minha casa social, Montevideú. Morriam assassinados os integrantes da família Aonso no bairro Porvenir de Montevideú, fugia a belíssima estudante paraguaia Soledad Barret do bairro de Villa Dolores – no primeiro bairro fui adolescente; vizinho do segundo fui pai, e um pouco mãe. Algo mudava na minha torpe cabeça, mudava e mudou até me trazer a este século XXI, onde, como o companheiro Fidel disse na Guatemala, teria gostado de nascer.

Soledad Barret, foi assassinada três anos e oito meses antes de nascer minha filha: 8 de janeiro de 1973. Faltava um mês para que, em Santiago de Chile, a luz dos meus olhos fizesse três anos, cinco antes de ser arrastada para Hamburgo. A vida era muitíssimo movida pela morte naqueles tempos. Depois e hoje também. “Solita” (assim chamam os argentinos às Soledades) morreu assassinada no Recife, Brasil, aos 28 anos. A matou a polícia política brasileira. Assassinou a brava e radiante neta do escritor paraguaio Rafael Barret. Matar gente e matar cultura era a decisão do Império e dos seus planos de antes, e de hoje também – é bom não esquecer-lo.

Alguns meses atrás estava escutando um programa do cantautor e lutador social exemplar uruguaio, Daniel Viglietti, e ele lembrava como e quando conheceu

a Soledad. Soledad já doava sua vida para este Paraguai sem Partido Colorado no Poder. Talvez estaria ocupando um espaço no governo de Fernando Lugo, não sei, a morte ansiosa oculta tantas coisas...

\*“Com tua beleza garota/ Poderias ter sido modelo/ Atriz/Miss Paraguai/ Capa de revista/Almanaque (...) Mas o avô Rafael o velho anarco/ Te puxava fortemente o sangue/ E tu sentias calada essas puxadas”

Soledad nasceu um ano antes que minha segunda companheira, 1945. Guardava um bom parecido com ela, ou era a moda; mulheres belas, mesmo que lutadoras sociais ou poetas, também gostam da moda. Os cabelos compridos, soltos, como falsamente descuidados. Ideais para serem arrancados pelos batalhões de gorilas que invadiam as ruas. As gurias do Uruguai se vestiam (e se vestem) como as portenhas. E as paraguaias que podem também. Soledad Barret estava exilada com seus pais no Uruguai e passou a maioria da sua curta juventude em Montevideú. Eu nunca a vi, nem sabia dela (são tantos os desperdícios que a gente faz da vida). Um repressor lhe gravou a suástica com uma navalha na carne. Nessa carne guarani de ouro e trigo.

“Faz dez anos tua adolescência foi notícia / te fatiaram as coxas porque não quiseste/gritar viva Hitler nem abaixo Fidel”

Quando meus filhos tinham 4 e 3 anos respectivamente apagamos as luzes como todos os montevideanos e saímos à rua, lotada de tanques, carros de polícia, e batemos panelas durante horas, batemos os postes de luz, as mãos, gritamos na escuridão. Estávamos na Avenida Rivera esquina Simón Bolívar (nossa bela rua), Soledad tinha fugido de umas oito

quadras daí sete anos antes. Soledad namorava lá pelos inícios dos 70 um rapaz brasileiro, um tal de Zé Ferreira, casou-se com ele e teve uma filha. Ele veio para cá a lutar pela revolução. Quando ela veio se ajuntar com ele, estava morto. “Solita” se alimentou dessa morte para ir pra cima do sistema criminal. Até que um filho da puta, desses que foi da esquerda para se beneficiar da direita, se atravessou no caminho de Soledad. Há tantos ainda desses... E esse Anselmo que, quando de esquerda, era amigo do Zé, se uniu ao corpo macio, firme e rico de Soledad, e depois acabou com ele. No Recife, militantes de esquerda foram crivados a bala. Anselmo, que era “companheiro” dele os entregou, com o corpo que ele desfrutava incluído no pacote de morte. Soledad estava grávida dele.

Perdoe-me o leitor esta triste história, porém, mais do que você e eu, Fernando Lugo, o novo presidente do Paraguai, o primeiro não-Colorado em 70 anos, o primeiro democrático em 70 anos, tem que saber que essa Pátria estuprada pela Tríplice Aliança, Stroessner e o Plano Condor foi parida por gurias como Soledad Barret e, se governar em homenagem a elas, saberá com certeza que o Paraguai tem que quebrar sua aliança com a morte.

Lugo, faz bem ao teu povo, Soledad, com certeza, está te olhando!

Disse Daniel Viglietti: Soledad “... não quer palavras longas, nem aniversários; seu dia é o dia em que todos digam, armas na mão: “pátria, \*\*rojajjú”.



Fernando Lugo

\*Trecho de um poema do escritor uruguaio Mario Benedetti, dedicado a Soledad Barret

\*\* Rójajjú quer dizer “te amo” em guarani

# Comunicação é latifúndio a ser ocupado

Por **Miriam Santini de Abreu, de Florianópolis**

O I Encontro pela Soberania Comunicacional, Popular e Libertária, promovido pelo *Portal Desacato* e pela revista *Pobres & Nojentas* nos dias 5 e 6 de setembro no Plenarinho da Assembléia Legislativa, em Florianópolis, tratou de temas fundamentais e pouco

discutidos nos meios de comunicação, como soberania comunicacional, software livre, decadência das instituições de dominação, a assimilação, por parte do Estado, dos movimentos sociais, e a criminalização e defesa legal dos movimentos sociais.

Um dos destaques foi a participação de integrantes da Agência Contestado de Notícias Populares (Agecon), que tem como missão ser um instrumento de luta para divulgar as ações dos movimentos sociais, anunciando um projeto popular para o Brasil e denunciando a criminalização feita aos movimentos sociais pelos grandes meios de comunicação.

Jilson de Souza, integrante

da Agecon, disse que na região do Contestado, Centro-Oeste de Santa Catarina, a disputa e concentração dos meios de comunicação é muito maior do que na Grande Florianópolis. Há forte repressão sobre os movimentos sociais por parte do aparato militar. "A comunicação também é latifúndio a ser ocupado", disse Jilson, ao se referir ao papel da Agecon.

Ele encerrou sua fala com um desafio: que se lute pela formação de uma Rede Popular de Notícias em Santa Catarina, fundamental para construir um espaço coletivo de comunicação que faça o contraponto aos grandes meios de comunicação.

O endereço da Agecon é [www.agecon.org.br](http://www.agecon.org.br)

Foto: Rosângela Bion de Assis



## Umás e outras

Por **Celso Vicenzi, de Florianópolis**



*Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/*

*SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.*

**BIOTIPO.** Tipo do sujeito flexível, complacente, maleável, dócil e influenciável, ou seja, um esquerdista revolucionário agora no poder.

**A DIFERENÇA.** Sempre que ouço esses apóstolos do ascetismo a pregar uma vida sem nenhum vício, poupando-se dos mais prosaicos prazeres em nome de uma possível longevidade, sinto vontade de explicar: há uma diferença entre viver e demorar para morrer, se é que me entendem.

**PRIORIDADES.** OK, a robótica chegou para substituir o trabalho humano. Mas quan-

do vai substituir o trabalho desumano?

**EXPLICAÇÃO.** Dizem que o dinheiro é a mola propulsora da economia. Deve ser por isso que de vez em quando a gente passa por uns solavancos.

**CRISE.** Depois que a vaca foi pro brejo é que se viu que a economia de mercado é conversa pra boi dormir.

**QUASE A MESMA COISA.** Muita gente que pôs dinheiro na Bolsa, agora vai ter que rodar a bolsinha.

**DÁ PENA!** Essa crise não é pinto. É só contar os milhões de patos!

**DEFINIÇÃO.** Diz-se "moeda corrente" porque ela não pára no bolso da gente.

**ATUALIZAÇÃO.** Lula quer que o petróleo do pré-sal garanta a educação dos brasileiros. Vai emendar Monteiro Lobato: "Um país se faz com homens, livros e petróleo!"

**TÁ EXPLICADO.** É por isso que o preço do barril de petróleo anda pra lá de salgado. Tem que ser extraído do pré-sal!

**ESPERANÇA.** Se o seu príncipe virou sapo, ainda restam os homens-rãs!

# Coisa que transborda

Por Rosangela Bion de Assis,  
de Florianópolis

Queria te amar um pouco menos,  
para diminuir essa coisa que transborda  
e parece tão maior que eu.  
Pensei que era só porque eu te amava há pouco tempo.  
Mas já se vão tantos anos e isso não passa.  
Queria te amar um pouco menos  
para ver se refrescava a vontade  
de olhar as mãos,  
e cheirar a boca,  
e ouvir os sons.  
E sentir que meu corpo confirma tudo o que falo de você.  
Pensei que era só porque  
fazia pouco tempo  
que eu tinha te colocado dentro da minha sombrinha  
naquela manhã chuvosa em que nos conhecemos.  
Mas desde então não passa essa vontade de fugir contigo,  
pra bem longe da cidade,  
pra bem perto da lua,  
e ficar ouvindo as tuas canções  
e ficar sentindo que somos um.  
Queria te amar um pouco menos,  
mas isso não existe no amor.  
Ele nasce exatamente do tamanho que morre.  
Ele brilha intensamente  
até o dia em que se apaga.

# Contra a privatização

Para quem olha de cima  
Toda onda é marola  
E a crise já chegou  
Mas o Lula só enrola

## REFRÃO

Menino, não chora!  
O farelo acabou  
Tem palhaço em Brasília  
Mais de mil, sim senhor

A tsunami social  
Quem tá vivo já previu  
A burguesia vai saber  
O que é este Brasil

"Tadim" do exportador  
O governo logo acode  
Privatiza o que é público  
E o povo carrega o bode

Todo mundo na escola  
Para não ficar na rua  
Pouca gente aprende a ler  
A verdade nua e crua

Quem pode pagar convênio  
Penso que tudo vai bem  
Mas cuidado com a máfia  
Que acha pouco o que já tem

Eu tenho o celular  
Mas só posso receber  
Orelhão está quebrado  
Eu não sei o que fazer

A conta de luz é roubo  
Eu não quero etanol  
Nem quero que me dê peixe  
Sei pescar com meu anzol

*Maria de Souza Lima, cordelista cearense*

## Tralala! na página 4

Luca Leicam:  
"Meus pêsames,  
estamos em extinção"

Foto: Miriam Santini de Abreu



## Estados Unidos: dois séculos de pontapés impiedosos Na página 16

